

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Campus Experimental de Ourinhos

CAROLINE FRANÇA DE TOLEDO

**DESAFIOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A
LITERATURA: O OLHAR DE UMA GEÓGRAFA SOBRE A OBRA
“CASA DE PENSÃO”**

Ourinhos – SP

Outubro/2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

Campus Experimental de Ourinhos

**DESAFIOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A
LITERATURA: O OLHAR DE UMA GEÓGRAFA SOBRE A OBRA
“CASA DE PENSÃO”**

Caroline França de Toledo

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora para
obtenção do título de Bacharela em
Geografia pela Unesp – Campus
Experimental de Ourinhos.*

Orientadora:

Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena

Ourinhos – SP

Outubro/2017

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (Orientadora)

Prof.^a MsC Bárbara Gomes Flaire Jordão

Prof.^a Dra. Terezinha Brumatti Carvalhal

Ourinhos, 13 de novembro de 2017.

A todos aqueles que não deixaram de acreditar
no meu potencial e que estiveram
verdadeiramente ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Anderson e Silene pela oportunidade que me concederam de cursar uma Universidade pública e por me manterem pelos cinco anos que permaneci na cidade de Ourinhos, com muito conforto e atendendo a todas as minhas necessidades. Anteriormente a isto, agradeço por terem me proporcionado uma formação escolar de qualidade, com muito suor, esforço e prioridade, garantindo o essencial nos momentos de dificuldade, os quais minha avó Aparecida auxiliou de maneira fundamental, enaltecendo aqui, meu grande agradecimento a esta atitude de sua parte.

Às minhas avós, Juliana e Aparecida, agradeço por todo apoio e preocupação com a minha alimentação, que por acompanharem minha infância problemática em relação à comida, acharam que eu ia morrer de fome morando sozinha! Aproveito para me desculpar pelas ligações não atendidas nos momentos em que eu estava ocupada, deixando-as preocupadas. Agradeço por todas as comidas feitas especialmente para mim quando eu voltava para a minha cidade, Botucatu.

Ao meu cachorro Nero, agradeço pelos momentos maravilhosos que passamos juntos, pela infância compartilhada, com muita alegria e bagunça. Você foi meu companheiro por inúmeras tardes, sempre com a mesma rotina: brincar até cansar e depois aquele cochilo precioso, você esparramado na cozinha e eu no quarto – isso quando não apagávamos no quintal mesmo! Por inúmeras vezes, ver nossas fotos me trouxe a paz interior que eu tanto necessitei em determinados momentos. Você nos deixou fisicamente, mas a sua presença permanecerá viva em todos nós. Impossível não me emocionar com as nossas lembranças.

Meu tio, Henrique, nos auxiliou diversas vezes, principalmente nas caronas para a rodoviária ou me buscando na rodovia, não me esquecendo dos molhos de pimenta que ganhei de você, obrigada!

Agradeço a toda a minha família pelo suporte, parceria, companhia e, sobretudo, por acreditarem no meu potencial.

Ao meu namorado, André, por todo apoio e companheirismo na construção desta pesquisa, que de tanto me ouvir falar, começou a entender um pouquinho de literatura e eu, conseqüentemente, comecei a observar com outros olhos seu tema de estudo: o futebol. Agradeço pelas broncas nos momentos de preguiça, pelos

colos nos momentos de pressão e pela mão permanentemente estendida nos momentos de dificuldade. Acredito que quando uma relação é forte e sincera, todo tipo de troca é bem vindo. Estamos no caminho certo!

Agradeço minha orientadora Carla, pelas conversas sérias e os momentos de descontração que tive a oportunidade de presenciar com a senhora. Agradeço lá do fundinho por ter topado o desafio de me orientar em um tema que é um tanto quanto inusitado na Geografia. Trouxemos diferentes conhecimentos e vivências durante o período em que trabalhamos juntas. Muito obrigada!

À banca, que aceitou o convite de estar presente neste dia tão importante da minha formação, meus sinceros agradecimentos.

Ao bonde do Londrina (Marina, Raíssa, Franciele e Hannem) agradeço pelos momentos vividos, pelos sorrisos compartilhados e pelo companheirismo inabalável. Agradeço pela oportunidade de ter conhecido vocês e com certeza levarei vocês no meu coração.

Agradeço à Marina (Bete, Elisa, Gama e tantas outras derivações) pelos rolês tão bem aproveitados e por uma amizade tão difícil de encontrar. Uma pena não termos morado juntas na pensão da Dona Glória, lá em 2012, mas o destino se encarregou de cruzar nossas vidas no momento oportuno. Não podemos negar que aproveitamos muito e teremos muita história pra contar e lembrar, mesmo nos aproximando alguns anos depois de ingressarmos na faculdade. Obrigada pelos litrões (de Skol, de preferência) que tomamos acompanhados de muita risada, sempre encerrados com o nosso drink preferido: Eric Clapton! Sempre nos divertimos muito devido à concepção que temos de que não devemos nos preocupar com a opinião alheia, portanto, aproveitamos muito cada minutinho. Da “patricinha metida” e da “menina rock’n’roll” surgiu a mais inusitada e verdadeira amizade.

Ao Gabriel, agradeço pelas gargalhadas (assopra a fita) que você me proporcionou, aos valiosos conselhos, às conversas de madrugada (aquela insônia!) e por me ajudar a matar baratas também de madrugada. Sempre levarei você comigo.

Meus agradecimentos a todos que moraram no mesmo condomínio que eu, contribuindo com almoços e jantas comunitários, conversas e muita, muita diversão.

Ao Pelé, agradeço pela parceria e amizade durante o período em que estivemos juntos em Ourinhos. Sinto saudades das madrugadas conversando, das comidas que fazíamos, das vodkas coloridas nos finais de semana e de todo apoio que eu recebia de você, foi bem complicado seguir sem você aqui. Sinto sua falta!

À futura formada em Letras, Jennifer, que me ajudou prontamente em todos os momentos que eu precisei, esforçando-se para obter as respostas das minhas dúvidas. Obrigada também pelos momentos de descontração e pelos áudios gigantes que trocamos sem nos preocuparmos, já que ambas adoramos um bom papo!

Agradeço à Dona Sônia e ao Sr. Cláudio pelo ótimo tratamento na pensão em que morei durante os primeiros meses em Ourinhos. À Dona Zeneide pelos cuidados comigo, pelo grande auxílio em manter minha casa em ordem e pelas comidas deliciosas que a senhora fez!

Aos tantos outros amigos e colegas – também os da XI turma - que passaram pela minha vida em Ourinhos, em diferentes ocasiões, também deixaram sua marca, estando presentes em minha memória para o resto da vida. Sem deixar de agradecer às repúblicas que me receberam de braços abertos, em qualquer ocasião.

Agradeço às minhas amigas de Botucatu: Estela, Marília, Giovana e Tatiane, pelas conversas por meio de aplicativos, já que tomamos rumos e cidades diferentes, mas que mesmo assim, não deixamos de nos falar e manter vivo o sentimento da amizade de infância. Agradeço pelas vezes que conseguimos nos reunir e por saber que mesmo com a distância e o passar do tempo, nossa amizade permanece a mesma.

À psicóloga Solange, agradeço pelas conversas de suma importância durante a fase final da minha graduação.

Agradeço a todos os professores do Campus que contribuíram de alguma maneira para o meu crescimento profissional e não menos importante, para meu crescimento pessoal, com exemplos a serem seguidos, ou não. Aos funcionários deixo meus sinceros agradecimentos por tantos favores atendidos e destaco a funcionária Laryssa, pelas contribuições a que me estendeu.

Ao Sr. César, morador de rua que me ofereceu o livro usado como base para esta pesquisa e que, conseqüentemente, é o meu favorito, meus profundos agradecimentos. Talvez se eu não tivesse comprado o livro do senhor, este trabalho não fosse realizado. Agradeço às forças maiores terem atuado sobre nossas vidas, oportunizando-nos com um momento tão breve, de tão poucas palavras, mas de uma contribuição enorme em diversos segmentos. Muita luz na sua vida!

Agradeço ao Sr. Josias, morador do morro do Curvelo, Rio de Janeiro, que primeiramente me ajudou a encontrar a saída do morro quando estive perdida, e, por conseguinte, agradeço pela companhia que me fez durante meu percurso, demonstrando-me um conhecimento grandioso, tanto na questão intelectual como de vivência. Não me esquecerei da frase que me disse: “Nunca deixe que digam que você não é capaz e que os outros são melhores que você.”. Conhecer-lo naquele dia foi a confirmação de que eu estava no caminho certo. Continue estudando filosofia, motive e instigue outras pessoas assim como fez comigo. Você é um ser especial!

À música, que tem a admirável capacidade de tocar nossos sentimentos e nos fazer mudar de emoção quando mais necessitamos. Obrigada por ser minha companheira em todos os momentos em que estive sozinha, proporcionando-me calma, entusiasmo, animação, ou qualquer outro sentimento quando necessário.

Todos que estiveram ao meu lado, com maior ou menor frequência, mas que almejavam minha felicidade e me ajudaram da sua maneira, muito obrigada! Saibam que foram essenciais para o minha alegria e conseqüentemente, meu sucesso.

E por fim, agradeço a você, cidade de Ourinhos, por me proporcionar tantas emoções e sentimentos, que me desafiou incansavelmente durante os cinco anos que permaneci aqui, por me apresentar pessoas tão mágicas e por me encorajar a dizer através dos obstáculos superados: eu consegui! Com a ajuda de muitos, o desamparo de poucos e a imensa força interior que você mesma, Ourinhos, me fez enxergar. Muito obrigada por proporcionar os melhores e mais intensos anos da minha vida!

“Creia em si, mas não duvide sempre dos outros.”
(Machado de Assis)

Sumário

1. APRESENTAÇÃO:	12
2. INTRODUÇÃO:	14
3. O AUTOR, A OBRA E SEU CONTEXTO:	18
3.1. Aluizio de Azevedo e a escola literária	18
3.2. O contexto da obra e a história da “Casa de Pensão”	25
4. MAPEANDO A CASA DE PENSÃO:	34
4.1. A contribuição da Cartografia na análise do espaço geográfico.	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	51
6. REFERÊNCIAS:	53

DESAFIOS DE APROXIMAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA: O OLHAR DE UMA GEÓGRAFA SOBRE A OBRA “CASA DE PENSÃO”

RESUMO:

A discussão acadêmica acerca da interdisciplinaridade teve início há apenas algumas décadas, trazendo a importância de inovar ideias, opiniões e modelos. Esse trabalho trata da relação entre Geografia, Cartografia e Literatura Clássica Brasileira, que conta como personagem principal, a obra “Casa de Pensão”. A grande influência da Geografia Cultural em temas como este, auxiliou no entendimento e organização das informações. Desse modo, fica evidente a capacidade da Geografia de abranger distintas ramificações e da cartografia de representação do imaginário.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Casa de Pensão, Cartografia.

ABSTRACT:

The academic discussion about interdisciplinarity began just a few decades ago, bringing the importance of innovating not only ideas, but also opinions and models. This document will address the fusion between Geography, Cartography and Brazilian Classical Literature, and have as its protagonist the literary work called “*Casa de Pensão*” (“Boarding House”). The great influence of Cultural Geography in topics such as this one will help in understanding and summarizing the information. Therefore, Geography’s ability to cover different ramifications and the cartographic ability to represent the imagery will both be implied.

Keywords: Geography, Literature, Boarding House, Cartography

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Fachada de uma casa de pensão típica do século XIX	34
Figura 2: - Sistema de comunicação de mapa temático baseada na semiótica e método de construções de modelo (AKHTAR, 1996 apud FIORI, 2010, p. 539).	36
Figura 3: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1864. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	39
Figura 4: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1864. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	40
Figura 5: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1867. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	40
Figura 6: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1868. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	41
Figura 7: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1875. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	41
Figura 8: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1877. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	42
Figura 9: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1885. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	42
Figura 10: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1882. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.	44
Figura 11: Imagem de satélite do recorte usado no presente trabalho dos bairros da Lapa e Centro do Rio de Janeiro / Elaborado por ARAÚJO, A. 2017.	45
Figura 12: Foto do século XIX da Rua do Ouvidor. Fonte: http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/rua-do-ouvidor-historia.html	46
Figura 13: Rua do Ouvidor em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017	46
Figura 14: Rua do Resende em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017	47
Figura 15: Foto do século XIX do Morro do Curvelo. Fonte: https://fatosfotoseregistros.wordpress.com/2016/08/09/santa-teresa/	48
Figura 16: Morro do Curvelo - Santa Teresa em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017	49
Figura 17: Ladeira do Morro do Curvelo - Santa Teresa em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017	49
Figura 18: Vista do Morro do Curvelo - Santa Teresa em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017	50

1. APRESENTAÇÃO:

Mesmo possuindo uma grande afinidade com a Literatura clássica brasileira desde a época escolar, não optei por seguir academicamente esse campo, porém, me mantive no ramo das humanidades e ingressei no curso de Geografia, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Ourinhos, no ano de 2012. Mantive meu hobby de ler obras literárias, em específico as do período realista e naturalista brasileiro, que muito me chamam a atenção devido à abordagem de temas polêmicos, porém reais (como o próprio nome da escola literária já classifica) que ocorriam na sociedade brasileira no final do século XIX e meados do século XX, levando os autores a escreverem suas obras baseando-se em tais temas.

Com o prosseguimento na graduação, pude observar o amadurecimento de opiniões e ideais pessoais, com uma abordagem crítica mais elevada e um maior engajamento com os acontecimentos históricos e atuais acerca das contradições que a sociedade está inserida.

A Geografia trouxe-me um olhar que jamais poderá ser abandonado. Ele está enrustido no novo ser que eu me tornei após as leituras e estudos praticados durante o curso. Muito me orgulho de tal visão, uma vez que, a análise sobre os fatos do cotidiano, anteriormente ao ingresso na universidade, era superficial e vulnerável.

Ao fazer uma breve reflexão e respeito do poder crítico-geográfico e dos questionamentos perscrutadores empregados pelos escritores Naturalistas, idealizei a possível afinidade entre as duas ciências e simultaneamente, a produção de um material visual, compactando os locais físicos do estudo, por intermédio da Cartografia.

O fato da acanhada existência de estudos sobre a temática em questão me motivou também a desenvolver este projeto, atrelado ao fator individual de produzir um trabalho distinto da prevalência na área geográfica, conotando que a Geografia possui vasta maestria teórica, podendo ser abrangente, formadora e agregadora, basta saber utilizá-la.

Almejo que a presente pesquisa desperte o interesse tanto de geógrafos como de literários, ou indivíduos qualificados em qualquer outra formação

acadêmica, e que, principalmente, seja esclarecedora e atraente para o mais diverso público leitor.

As conversas acerca do tema dessa pesquisa, entre orientadora e orientanda, iniciaram-se no final do ano de 2016, trazendo-nos diversos desafios, novas experiências e conhecimentos. Muito foi debatido e conversado, novas ideias iam surgindo a cada reunião, demonstrando as diferentes propostas que essa temática pode trazer.

Houve a realização de um trabalho de campo para a cidade do Rio de Janeiro, onde estive presente em alguns pontos da cidade que aparecem na obra Casa de Pensão, ilustrando dessa forma, as permanências e mudanças do contexto urbano.

2. INTRODUÇÃO:

O desenvolvimento do estudo da tríade presente ao longo deste trabalho (Geografia, Literatura e Cartografia), se apoia na obra Casa de Pensão, publicada por Aluísio de Azevedo em 1883. Autor de cunho romancista, nascido no Maranhão, inaugura o naturalismo no Brasil em 1881, com a obra “O Mulato”.

O autor em questão e os demais simpatizantes do movimento literário aqui citado observam que a população encontrava-se estagnada e esgotada com as obras romancistas, abarrotadas de beletrismo e falso-moralismo, onde os mocinhos e mocinhas estavam incrustados nas histórias repletas de certa evasão da realidade, tiveram por si a ousadia de modificar tais enredos, julgando necessária uma maior descrição dos fatos recorrentes da sociedade da época.

Impulsionados por cientistas como Darwin, Comte e Taine (dentre outros), passam a inserir o foco do enredo de suas obras através da observação científica da natureza, críticas sociais, mazelas escravagistas, anticlericalismo, intensa atuação monárquica e o atraso nas relações econômicas e políticas – não se restringindo apenas a estas.

A introdução deste tipo de pensamento, atrelado a descrições minuciosas e linguagem simples, causou grande impacto nos leitores da época, uma vez que retratava a sociedade e as atitudes da mesma, de forma materialista e instintiva, chegando a compará-la a animais (zoomorfização).

A obra selecionada para o estudo traz diversos assuntos presentes no cotidiano da sociedade da época – onde alguns são recorrentes até os dias atuais - como: preconceito racial e de gênero, divisão da sociedade em classes, escravidão, entre outros.

A Geografia, como disciplina que discute o espaço e sua dinâmica, coloca em cheque a observação da *práxis* social evidenciando os hábitos vinculados aos temas citados no parágrafo anterior, enfatizando assim, o comportamento crítico dos que trabalham com esta ciência.

Tem-se como missão ao realizar esta pesquisa, trazer um modo diferente de leitura sobre uma obra literária não necessariamente de modo que se

evidencie que cada indivíduo possui um olhar característico ao ler determinada obra.

A diversidade de assuntos que a Geografia tem o poder de se relacionar é bastante elevada e neste documento, são apresentadas apenas algumas visões que podem ilustrar esta afirmação, mas com a tentativa de trazer certo encorajamento para que mais indivíduos, sejam eles geógrafos ou não, reflitam sobre essa liberdade de leitura e conexões entre diferentes ciências.

Maia (2011) elucida o fato de a literatura estar cada vez mais requisitada na área de humanidades, desse modo, o estudo ocorre no ramo geográfico a partir de representações sociais e da geografia cultural.

Os autores descrevem as realidades e o espaço vivido pelos personagens, denotando o aspecto fundamental da geografia que é a descrição. Demarca-se no século XVIII a característica descritiva da geografia, que se limitava apenas aos estudos cartográficos, topográficos e naturalistas.

A geografia humana moderna nasce no decorrer do século XVIII, trazendo pesquisas concentradas na descrição de algumas populações e suas relações com o meio, não deixando de estabelecer estudos de cunho naturalista como outrora acontecera, portanto, retratava o clima, os solos e a vegetação com a atuação do homem, remetendo à interação entre homem e meio.

Juntamente a tal interação, surgem as pesquisas etnográficas, que resumidamente apreciam analiticamente e comparativamente as culturas, possibilitando uma maior interpretação acerca das modificações do meio.

Tanto a geografia como a literatura, são ciências fundamentadas no campo da análise, interligando-nos diretamente ao fato da cultura ser um objeto analítico da geografia, constituindo assim, a geografia cultural.

Segundo Claval (1995), a origem dos estudos a respeito da cultura na geografia acontece com Ratzel no final do século XIX e início do século XX, com a pesquisa sobre a diferenciação regional da Terra através dos fundamentos culturais e a diversidade cultural traz à geografia a necessidade de se criar uma categoria, contemplando a gama cultural.

Após este período, há uma queda no interesse sobre os estudos culturais geográficos, sendo retomado a partir dos anos 1980, onde o impulso para este acontecimento ocorre devido às Guerras Mundiais, que ilustram as diversas culturas do globo.

Essa “nova” geografia cultural, que resurge após as grandes guerras, está presente tanto na geografia alemã como na francesa, tendo como principais pesquisadores Passarge e Schlüter; La Blache, Brunhes e Sorre, cronologicamente.

No Brasil, a geografia cultural destaca-se por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os textos literários possibilitam o olhar do espaço geográfico através das descrições das paisagens e lugares por onde os personagens percorrem. Nos anos 1960, Mauro Mota publica seu livro **Geografia Literária**, que “destaca a importância dos textos literários para os estudos geográficos, históricos e socioeconômicos” (MAIA, pág. 165).

Alguns geógrafos seguidores da corrente humanística - posterior ao surgimento da geografia cultural – defendem a valorização da literatura para estudos e documentos geográficos. Na questão interdisciplinar, Armand Frémont demonstra a importância de se romper as divisões que são impostas sobre ela, expandindo a geografia para outras ciências e outros saberes, como a literatura.

Os relatos nas obras literárias podem ser classificados de cunho naturalista, mas também podem se enquadrar em expressões sentimentais, ideologias e nas diversas relações que o autor deseja manifestar.

Sabendo disso, é importante citar, neste momento, alguns geógrafos que utilizaram a literatura como fonte metodológica e objeto de análise para seus escritos: Yi-Fu Tuan (1978), Ana Fani A. Carlos (2001) e Carlos Augusto Figueiredo Monteiro (2002), dentre outros.

Invertendo os papéis, podemos destacar literatos que abordaram a geograficidade em suas obras: Lima Barreto com *O Ateneu* em 1888; Machado de Assis em *Dom Casmurro*, 1899; José de Alencar através da publicação de *O Guarani* em 1857; Jorge Amado em *Capitães da Areia*, 1937

e Guimarães Rosa através de *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1956, não se limitando apenas a estes.

Ora, se o movimento literário citado tem como objetivo principal difundir os costumes sociais nocivos da época, e a geografia atual de abordar e discutir fatores desencadeados pelas práticas sociais, resultando em uma visão crítica, porque não uni-los? E é exatamente isso que este trabalho pretende retratar, além do desafio da tentativa de representar graficamente alguns dos temas abordados na obra e que foram escolhidos para a discussão neste texto.

A geografia pode abranger temas de diferentes cunhos e representá-los através da cartografia, nos remetendo a uma possível correlação interdisciplinar para o debate teórico e a materialização deste em representações gráficas. Este trabalho buscou mapas da cidade do Rio de Janeiro, cenário do livro no final do século XIX em uma tentativa de compreender a influência da organização urbana da época na espacialização de lugares e personagens “Casa de Pensão”.

Complementando a pesquisa bibliográfica, foi realizado um trabalho de campo para as localidades mais relevantes que aparecem na obra *Casa de Pensão* e durante a realização deste, houve a tentativa de acessar presencialmente os mapas do século XIX da cidade do Rio de Janeiro na Biblioteca Nacional, trazendo um maior aprofundamento e fidelidade ao que se desejou pesquisar, porém, a biblioteca em questão estava passando por reformas no período em que a autora estava na capital fluminense, impedindo a consulta ao material original.

3. O AUTOR, A OBRA E SEU CONTEXTO:

3.1. Aluizio de Azevedo e a escola literária

Aluisio de Azevedo, nascido em 14 de abril de 1857, na cidade de São Luís, Maranhão e falecido à data de 21 de janeiro de 1913, em La Plata, na Argentina, autor da obra literária que viabiliza esta pesquisa, atuou como romancista, contista, cronista, diplomata, caricaturista, jornalista, desenhista e pintor. Seu êxito como diplomata foi posterior à carreira de escritor, em 1895, abandona definitivamente a escrita e parte para a Espanha, Inglaterra, Itália, Japão, Paraguai e Argentina, servindo a estes países, seu exercício diplomático. Torna-se cônsul de primeira classe em 1910, instalando-se em Buenos Aires, local do início de sua vida matrimonial, com Pastora Luquez, adotando seus dois filhos.

Falece no ano de 1913, em solo argentino, já como fundador da cadeira número quatro da Academia Brasileira de Letras, tendo como patrono, Basílio da Gama.

Dividiu sua carreira de escritor em dois estilos literários: primeiramente, os romances românticos, aprofundados em um sentimentalismo exagerado e apoiado na preferência popular sobre tal estilo (denominados “romances comerciais” pelo próprio autor); conseguinte, muda seu estilo para a ótica naturalista, onde nitidamente, produz suas obras de maior destaque, devido à empatia com tal movimento, tornando-se desta forma, o principal representante do Naturalismo no Brasil.

No território brasileiro, o Naturalismo surge como uma ramificação do Realismo, com o intuito de demonstrar os hábitos da sociedade de maneira extremamente objetiva, usando como ferramenta principal o cientificismo exagerado. As características do Naturalismo e do Realismo, embora possuam diretrizes semelhantes e proveniência uma da outra, não podem ser designadas análogas.

Castro Alves, no final dos anos 60, aborda temas voltados para a questão político-social nas suas poesias, sem deixar de lado a forma e a expressão romântica, denominando o que pode ser chamado de período Pré-Realista. Outros nomes como Manuel Antonio de Almeida e Visconde de Taunay

também pertenceram a esta fase, mesmo produzindo romances românticos, introduziam temáticas com abordagens do real cotidiano.

O ideal Republicano, a crise da Monarquia e a aproximação ao período da abolição da escravidão, impulsionaram e incentivaram os escritores que simpatizavam com esses acontecimentos da época, levando-os a expressarem em suas obras, seus ideais, originando as Escolas Literárias em questão.

Considera-se que os dois períodos perduraram até o ano de 1890, quando nesse momento, floresce o Parnasianismo.

No Parnasianismo ocorre a valorização da perfeição formal, o rigor na estética das produções. Poemas e sonetos são publicados seguindo à risca a rima e a métrica, com descrições minuciosas, sensualidade e grande influência da mitologia greco-romana.

Muito se prezava neste estilo literário a “arte pela arte”, expressão muito utilizada para justificar a alienação e o descompromisso quanto à realidade, onde qualquer conteúdo poderia ser qualificado como arte, desde que contivesse um alto rigor no formato da escrita.

Os parnasianos brasileiros não seguiram fielmente a influência francesa, modificando, por exemplo, o fato de enfatizar a realidade brasileira ao invés do universalismo.

O amor no período parnasiano é demonstrado como carnal e vulgar, estando aí mais uma diferença entre França e Brasil, onde os autores parnasianos brasileiros – Olavo Bilac e Raimundo Correa, principalmente – denotam o amor em seus poemas de maneira a exaltar o lado espiritual ao invés do lado físico.

Muito se discute em relação à exatidão das datas para o início e término de um período na história literária, portanto, pode-se dizer que a literatura é um organismo em constantes modificações, impedindo que se aplique datas concisas. Os autores que presenciam cada período da literatura têm afinidade com o mesmo, então, não se pode afirmar que quando o período a que ele se encaixa encerre, o mesmo estagne suas publicações.

Mesmo após a extinção “oficial” do Período Realista e Naturalista, algumas obras com estes contextos foram publicadas, como: Dom Casmurro, de Machado de Assis, em 1899.

As principais características do Realismo consistem em retratar fielmente o personagem, narrar a obra de maneira lenta, interpretar o caráter, materializar o amor, trazer veracidade aos fatos e detalhamento específico. Já no Naturalismo os personagens são patológicos, uso do cientificismo, incorporando termos científicos e profissionais, visão determinista e mecanicista do homem, frequente atuação do Determinismo, Evolucionismo e Positivismo nas obras.

O Determinismo caracteriza-se pela concepção de que o meio ambiente influencia de maneira relevante sobre os elementos físicos e psíquicos dos humanos, evidenciando que a relação natureza-homem, explicaria a relação e a interação entre os povos.

Este termo é muito atribuído à geografia, porém, tal pensamento pode ser notado desde a Antiguidade, levando-nos a melhor defini-lo como **determinismo ambiental**, ao invés de determinismo geográfico, uma vez que a geografia se torna uma ciência apenas no século XIX.

Friedrich Ratzel, pesquisador da escola alemã, é denominado pai do determinismo geográfico, apoiando suas concepções de desenvolvimento humano e poder de organização social ao fator natural; quanto mais hostil o local de sobrevivência, mais elevado era o nível de capacitação para sobreviver, uma vez que aquela sociedade enfrentara adversidades impostas pela natureza.

Havia nesta teoria, certa justificativa para a diferença entre as sociedades europeias e as tropicais, onde os indivíduos pertencentes à última eram classificados pelos pensadores deterministas como atrasados e preguiçosos, atribuindo desta maneira, uma explicação ao expansionismo neocolonial, praticado pelos povos europeus.

Não se pode afirmar que tenha sido uma corrente criada pela classe dominante como pretexto para o livre colonialismo, uma vez que esta teoria contemplava pensadores da esquerda política.

Já o positivismo, outra corrente que atuou fortemente sobre a geografia, foi fundada por Auguste Comte, filósofo francês, durante o século XIX, sendo encarregada de ser o canal condutor da passagem da geografia para a Era Moderna, abandonando a Idade Clássica.

Esta corrente é sustentada através do uso da lógica nos discursos, exigindo certo grau de sistematização e precisão nas afirmações e proposições. Tal prática desencadeou o surgimento da Geografia Tradicional, amplamente caracterizada pelas tentativas de generalização.

A redução da realidade ao âmbito dos sentidos, a exigência de método único de interpretação, são atributos da geografia positivista, classificando esta ciência, portanto, como uma ciência de síntese.

Aluisio de Azevedo foi o principal escritor de cunho Naturalista no Brasil, segundo parte da crítica, sendo, suas obras de maior destaque: *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1883) e *O Cortiço* (1890).

O movimento literário explanado neste trabalho de conclusão de curso, conta, além de Aluisio de Azevedo, com autores de grande relevância, como: Adolfo Caminha, Inglês de Souza e Raul Pompéia.

A Normalista (1893) e *Bom-Crioulo* (1895), são obras de Adolfo Caminha, ambas abordando temáticas de cunho sexual, como relações sexuais entre membros da família sem o consentimento de um dos indivíduos, sendo descrita a cena na obra, como um notável estupro entre padrinho e enteada. Ressalta-se neste momento, o precário respeito à opinião feminina, levando-nos a crer que a posse masculina perante a mulher, era inegável no período em que se passa a narração.

Bom-Crioulo, traz em sua história uma relação homoafetiva, que acaba esbarrando na traição de um dos personagens principais com uma mulher, fazendo com que a vida do traído entre em colapso refugiando-se no alcoolismo e posteriormente, na morte do traidor. Publicações de romances com enredos homossexuais, não aconteciam anteriormente à instauração do Naturalismo no Brasil, portanto, vale ressaltar este feito de Adolfo Caminha em protagonizar uma de suas obras com personagens homossexuais. (HOWES, 2005).

Inglês de Souza estabeleceu sua vida no sudeste do Brasil, mas é natural do estado do Pará. Com enfoque regionalista, é considerado romancista da Amazônia, retratou a exploração dos proprietários de grandes terras e a submissão dos empregados no território amazônico demonstrando seus conflitos, com a luta pelo direito de cultivar a terra na vasta presença de latifúndios, presentes naquela região. Suas obras de maior destaque são: “História de um Pescador” e “O Cacaulista”, ambas de 1876.

Alguns literários, como Araripe Júnior e Lúcia Miguel Pereira alegam que o introdutor do Naturalismo no Brasil foi Inglês de Souza, ao invés de Aluisio de Azevedo. Esse fato se dá devido à data de publicação das obras, sendo as de Inglês de Souza, antecessoras às de Aluisio de Azevedo e de acordo com a opinião de uma pequena parcela de literários, porém os estudiosos da literatura brasileira vão considerar Aluisio de Azevedo como maior expoente dessa corrente literária devido a popularidade de suas obras.

Cabe destacar, o último autor citado neste trabalho de destaque no Naturalismo brasileiro, Raul Pompéia, cuja obra de maior domínio foi “O Ateneu”, publicada no ano de 1888, trazendo em sua trama as relações entre alunos do um internato, na cidade do Rio de Janeiro, envolvendo sentimentos sinceros e atitudes de interesse no recinto em que a obra se passa. Ao final, o personagem principal da narrativa, que é aluno do internato, envolve-se com a esposa do diretor (e proprietário), estabelecendo com a mesma, uma troca de carinho fraternal, assemelhando-se ao vínculo entre mãe e filho.

Importante salientar a obra “O Cortiço” (1890), de Aluisio de Azevedo, que mesmo sendo publicada posteriormente à obra “Casa de Pensão” (1883), ainda se encontra no período literário do Naturalismo, trazendo ao autor, o ápice de sua carreira, consagrando-o afamado escritor.

“O Cortiço” retrata o personagem principal da obra como o próprio cortiço, que atua sobre as atitudes e opiniões dos moradores. Segundo SILVA (2010), o espaço onde se passa a narrativa deve ser considerado como uma totalidade, porém, é possível dividi-lo e reconstruí-lo posteriormente. Os “micro espaços” seriam representados pelos habitantes do cortiço, cada um com suas características e particularidades, influenciados diretamente pelo espaço da moradia. As instituições, sejam elas físicas ou não, promovem as normas, ordens e legitimações do local.

João Romão, proprietário do cortiço, pode ser classificado como micro espaço e como uma das instituições, uma vez que dita as regras a serem seguidas pelos seus locatários. A representação das infraestruturas advém da representação do trabalho humano materializado na forma de casas e vielas, e o meio ecológico representa o conjunto territorial que forma a base física do trabalho humano.

Ainda segundo SILVA (2010), através dessas correlações que compõem o espaço do cortiço, é necessário que se explique neste momento, a questão do “espaço-social”, constituído na distribuição dos personagens em função da posição e âmbito estatístico eles representam, partindo de dois princípios: o capital econômico e o simbólico. O primeiro corresponde ao volume do capital e, por conseguinte, o segundo equivale à estrutura do capital.

Trazendo a questão social na narrativa do cortiço, o que Aluisio de Azevedo tenta retratar é a teoria de que não existam distintas classes sociais dentro do perímetro da obra, e sim, um espaço social de divergências. De acordo com essa afirmativa, o cortiço representa, portanto, um organismo vivo, detentor de classes sociais inferiores juntamente àquelas mais elevadas, personificadas pela presença de casarões e palacetes, ambas correlacionadas na obra.

A relação entre público e escritor e vice-versa é caracterizada, para o lado do escritor, como dependente e instável em relação ao público; e a visão do público para com o escritor é de liberdade e conforto. Portanto, quem triunfa um autor é o público. De acordo com esta lógica, Aluísio de Azevedo pode ser denominado um escritor pendular, onde ajustou seu gosto para a escrita, de acordo com a preferência média da sociedade.

Iniciou sua carreira publicando romances de folhetim, os quais lhe renderam uma quantidade massiva de leitores, ganhando destaque perante os demais escritores da época. Em seguida, emprenha-se em remodelar sua linguagem, produzindo textos mais consistentes, porém, inicialmente, de menor alcance do público.

Não nos enganemos com a frase de encerramento do parágrafo anterior. Cabe neste momento ressaltar que a população da época estava acostumada a “literatura refinada”, resultado do romantismo, mergulhado em maneirismos,

artificialidade e falsa representação do cotidiano social, onde este era retradado de modo a mascarar as infâmias praticadas pela população.

A indignação por parte da parcela do público foi desencadeada justamente pelo fato da sociedade estar acomodada, aceitando e concordando com o “abafamento” dos problemas sociais. Quando se publicam os primeiros exemplares das obras real-naturalistas, com descrições cruas e franqueza na linguagem, os setores mais conservadores reprimem fortemente o contexto e o conteúdo das obras.

Tal reação negativa dos leitores num primeiro momento, não lhes causou preocupação, uma vez que suas obras não eram destinadas especificamente ao lucro, mas à denúncia e assim, uma possível tentativa de modificar as opiniões e concepções desta sociedade.

A opção estilística de Aluísio de Azevedo corresponde a um projeto literário de engajamento na linguagem não preconceituosa, a qual, por um lado legitima o falar dos referentes aspectos sociais que suas personagens representam e, por outro lado, aceita o desafio de penetrar nas camadas proibidas do idioma, repelidas pelo beletismo como indignas da “boa literatura”, como se o “bom” e a “literatura” fossem conceitos absolutos.

Émile Zola, escritor francês, nascido em 2 de abril de 1840 e falecido na data de 29 de setembro de 1902, sendo o local de nascimento e morte, a capital da França, Paris, escreveu o romance “Germinal”, detendo grande influência sobre a construção literária de Aluísio de Azevedo, uma vez que retrata as condições dos trabalhadores nas minas de carvão, localizadas ao norte da França, na periferia, publicada no ano de 1885 (GOMES, 2012).

A redução do salário de tais trabalhadores gerou uma greve, onde Zola descreve na obra os primórdios das organizações sindicais e política da classe operária, já existentes nas ideologias marxistas e anarquistas.

O autor trabalhou em uma das minas de carvão por dois meses e conviveu nas moradias para se adequar àquele ambiente, acompanhando de perto o modo de vida pessoal dos trabalhadores e as características trabalhistas a que eram submetidos.

Zola insere no enredo do romance, as situações que observou e presenciou, denunciando assim condições de vida desses cidadãos, atributo este, muito comum dos autores naturalistas.

Aos leitores desprovidos de preconceitos sociais, linguísticos e culturais, restam apenas as lamentações do fato das obras do período naturalista serem alvo de severas interdições e restrições não somente na literatura brasileira e nas artes, como também na rotina de leitura de uma população, que não será classificada de acordo com a temporalidade, uma vez que tais repressões foram observadas ao longo da nossa história, estando presente até os dias atuais.

3.2. O contexto da obra e a história da “Casa de Pensão”

A obra Casa de Pensão, cerne desta pesquisa, foi inspirada no “Caso Capistrano”, acontecimento criminalístico ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 1876, desencadeando grande comoção e agitação na população da época através da intensa cobertura da imprensa, gerando assim diversas reações e incansáveis debates por parte dos cidadãos que o acompanharam.

A Questão Capistrano constituiu-se com a chegada da baiana Júlia Clara Pereira a cidade do Rio de Janeiro, viúva que sustentava dois filhos: Júlia Pereira e Antônio Alexandre Pereira. Arrecadava suas economias ao lecionar aulas de piano, porém, expandiu sua renda ao transformar a casa da família em casa de pensão, uma vez que a residência era altamente ampla e constituída de diversos quartos para abrigar apenas três moradores.

Os primeiros hóspedes a ocuparem a casa eram estudantes da Politécnica (Faculdade de Engenharia) e amigos de Antônio Alexandre, sendo eles: Mariano de Almeida Torres e João Capistrano da Cunha, ambos oriundos do estado do Paraná.

Após um breve contato com o ambiente da pensão, nota-se rapidamente que o convívio entre João Capistrano e Júlia Pereira despertou um flerte entre os jovens, o qual seria epicentro de uma tragédia.

Na noite do dia 13 para o dia 14 de janeiro de 1876, João Capistrano abusa sexualmente de Júlia, que imediatamente, ao amanhecer do dia, comunica a atitude do rapaz para a matriarca da família, levando esta a tomar providências perante o ato juntamente ao protagonista da ação invasiva, este,

por conseguinte, não se abalou frente às medidas exigidas pela mãe da jovem, fazendo-lhe promessas vagas e longas.

Nitidamente, pôde-se notar que o infrator lidou de maneira desprezível ao acontecimento, desaparecendo repentinamente da casa de pensão. Com isso, dona Júlia e seu primogênito contratam um advogado para cuidar do caso, sendo orientados por este a prestar queixa-crime na delegacia, auferindo cinquenta contos de réis como indenização.

O caso foi tomando tamanha proporção, que num estalar de dedos já estava incorporado às matérias de jornais, conversas da vizinhança nas janelas e em mesas de bares e cafés, abrangendo cidadãos de elevada ou escassa expressão perante a sociedade carioca. Em resumo, só se falava do caso Capistrano na cidade do Rio de Janeiro, que fervorosa, se envolveu nesta trama e esperava ansiosamente pelo desfecho.

Eis que na data de 17 de novembro de 1876, ocorre o tão aguardado julgamento de João Capistrano, sendo absolvido pelo juiz.

A população, inflamada pela atuação flamejante da imprensa, o idolatra, praticando um verdadeiro espetáculo, onde João Capistrano é tido como ator principal – senão herói – com direito a passeata, encerrando-se em um vasto banquete no Hotel Paris.

Inconformado com a reação da população, Antônio Alexandre, que além de irmão, era tutor da vítima, resolve “fazer justiça com as próprias mãos” e alveja João Capistrano com cinco tiros na Rua da Quitanda, em vinte de novembro de 1876.

Reinicia-se a comoção popular, os tabloides, prontamente, publicam fotos e matérias sobre o assassinato, a escola Politécnica decreta, além de uma série de homenagens ao falecido, sete dias de luto. Compareceram ao funeral, personalidades políticas, e ao enterro, só há uma denominação: um verdadeiro ato cívico.

O novo julgamento do caso, a acontecer em 20 de janeiro de 1877, desta vez com Antônio Alexandre ocupando o banco dos réus, despertou o próximo passo deste circuito inesgotável e incansável, regido pela imprensa, que além da missão de manter a população presa nesta enxurrada de informações,

tinha como principal objetivo administrar e publicar a opinião dos leitores. (ENNE; SOUZA, 2009).

Os populares que outrora se inclinavam a João Capistrano, através da chefia da imprensa, mudam drasticamente sua opinião, uma vez que a abordagem midiática contextualizava a desonra da família Pereira e principalmente, a honradez que fora arrancada da donzela.

Desta forma, o mesmo tribunal que inocentara João Capistrano, absolve Antônio Alexandre Pereira. A população, incentivada pelas publicações da imprensa da época, desta vez converte Antônio Alexandre em ídolo, onde este que anteriormente havia presenciado aquela manifestação popular como expectador, agora se vê na posição de protagonista, sendo elevado aos mesmos ombros que carregaram seu oponente, nesta luta de recheada de ilegalidades e malabarismos midiáticos.

Tomando o rumo da síntese do Caso Capistrano, o livro Casa de pensão, traz seus personagens espelhados nos indivíduos reais do Caso Capistrano, pode-se encontrar Antônio Alexandre Pereira como Amâncio Vasconcelos, rapaz sedutor, no auge de seus vinte anos, de grande estabilidade econômica, proveniente da província do Maranhão, deixa seu lar e família para se dedicar ao estudo da medicina na cidade do Rio de Janeiro.

Chegando a cidade, aloca-se na casa do Sr. Campos, colega de seu pai, porém não permanece por muito tempo na casa, já que a cidade lhe remetia a uma espécie de liberdade, não podendo aproveitá-la se continuasse morando ali, mas sente certa atração por Dona Hortênsia, esposa do Sr. Campos, confundindo-lhe sobre a decisão.

Amâncio conhece João Coqueiro em um almoço entre amigos e fica maravilhado com o luxo do Rio de Janeiro, empolgando-se a pagar a conta total. João Coqueiro o convida para uma visita, já com a percepção da boa condição financeira de Amâncio.

Embragado, Amâncio é levado por Paiva Rocha, um dos colegas presente no almoço, à república onde mora o mesmo e no trajeto, é extorquido pelo colega em questão.

Amâncio aceita o convite e vai até a casa de João Coqueiro. Chegando ao local, percebe que a casa se trata de uma pensão, localizada na Rua do

Resende. Com interesses em casar a irmã mais nova, Amélia, com 23 anos – idade que, para a época, uma moça de respeito já deveria estar com a vida estabilizada - João Coqueiro vê em Amâncio, o melhor pretendente que lhe aparecera, já que era rico e ingênuo, podendo deste modo, sanar o desespero que pairava sobre a família em relação ao futuro de Amélia.

Durante a visita, Amâncio conhece a família de João Coqueiro, os moradores e os cômodos da pensão. Nesta mesma ocasião, João Coqueiro o convida para morar na pensão, mostrando-lhe as vantagens de ali se instalar: alimentação, ambiente familiar, carinho.

Como Amâncio estava propenso a deixar a casa do Sr. Campos, aceitou a oferta e se mudou para a pensão de João Coqueiro na mesma noite.

Lúcia, uma das moradoras da pensão, mantinha um matrimônio com Pereira sem envolvimento afetivo algum, e a partir do momento que percebe a abastada condição financeira de Amâncio, seu interesse é despertado, cogitando seduzir o rapaz.

Através da convivência na pensão, Amâncio se torna relapso quanto aos estudos, e esse fator o deixa preocupado. O jovem acaba por contrair varíola e os demais hóspedes, com medo de se contagiarem, vão deixando a pensão.

No período em que Amâncio está doente, Lúcia aflora seu lado amistoso e convalescente, demonstrando estar sempre preocupada com o bem estar do rapaz, aproveitando-se da situação para se aproximar ainda mais do mesmo. Logo que João Coqueiro e sua família notam a aproximação entre Lúcia e Amâncio, vêm uma condição de concorrência na disputa pela fortuna do jovem.

O casal Lúcia e Pereira, acumulavam dívidas quanto ao pagamento das diárias da pensão, levando João Coqueiro e família a cobrá-los o pagamento, imaginando que não pudessem sanar a dívida e assim, seriam despejados, deixando o caminho livre para o proprietário da pensão executar seu plano.

Aos prantos, Lúcia recorre a Amâncio para conseguir o valor cobrado pelos donos do pensionato e este aceita lhe conceder o dinheiro, mas deseja que Lúcia relacione-se sexualmente com ele. Ela, por sua vez, aceita a proposta

do envolvimento com a condição de que Amâncio a assuma como esposa, tirando-a de Pereira.

Amâncio é alertado por Lúcia sobre o interesse financeiro da família de João Coqueiro e, sobretudo do próprio. Após a conta ser saldada, o casal Lúcia e Pereira, acaba deixando a pensão.

Durante este período, Amélia também se dispõe a reparar Amâncio com seus cuidados, enquanto o mesmo se encontrava na situação de enfermo.

Devido à doença de Amâncio, a pensão de João Coqueiro começa a perder hóspedes, que com medo de contraírem varíola, acabam preferindo se instalar em outro local. Com toda essa perda de clientes, Amâncio é obrigado a manter a casa por João Coqueiro e Mme. Brizard, que atribuíram a ausência de pensionistas, à doença do rapaz, alegando que se ele não estivesse alocado na pensão e recebendo cuidados, tudo estaria nos conformes. Com a pressão da culpa, obrigação em manter uma casa de pensão, uma família de desconhecidos e outros encargos, o jovem decide sair da pensão, mesmo acometido da moléstia, uma vez que um de seus maiores desejos era viver uma vida libertária na capital, e neste momento, ele se encontrava numa situação oposta a isso, responsabilizando-se por pessoas e mantenedor de uma casa.

Quando Amâncio comunica Amélia do seu desejo de deixar a pensão, a moça cai em prantos e diz amá-lo, sem que o interesse no casamento abandonasse seus pensamentos por um minuto sequer.

Inicia-se neste momento, um grande esforço de todos em mudar a ideia de Amâncio de deixar o pensionato. Enfatizam exaustivamente o fato de o rapaz estar limitado por conta da varíola, trazendo-lhe consequências caso não tenha pessoas que desejam seu bem por perto, o amparando.

Entram em consenso e definem que o melhor a ser feito para a melhora de Amâncio, é comprar uma casa em Santa Teresa, devido à pureza do ar, já que a localização da casa era no morro do bairro, local de altitude demarcada.

Conseguem convencer Amâncio, o jovem se muda com Amélia para a mais nova aquisição, a casa de Santa Teresa. Neste local, os jovens passam a conviver como casados, e João Coqueiro finge não perceber esse fato, já que oficialmente, sua irmã não estava casada com Amâncio.

Neste ínterim, Sr. Vasconcelos, pai de Amâncio, falece no Maranhão, concedendo-lhe sua parte da herança. Coqueiro e família, sabendo do mais novo agregado nas reservas financeiras de Amâncio, empenham-se ainda mais em mantê-lo por perto.

Aproveitando-se da fragilidade emocional de Amâncio, Amélia pede uma casa a ele, que reluta, mas acaba cedendo.

A atração de Amâncio por Dona Hortênsia volta a ser destaque neste momento da obra, onde o rapaz tenta agarrá-la em uma festa comemorativa de sua aprovação nos testes do primeiro ano da faculdade.

Até este período, Amâncio não havia visitado sua mãe, Dona Ângela, no Maranhão. Ao comunicar a Amélia sobre a intenção da visita, imediatamente, a mesma se impõe, aproveitando a situação para chantageá-lo, propondo que a visita só será concedida por ela, se eles se casarem antes da viagem, e ela o acompanhar até o Maranhão permanecendo ao lado do rapaz até o retorno ao Rio de Janeiro.

Amâncio recua. A vida de casado o oprime.

Com a cabeça cheia e farto da condição da vida que levava, totalmente oposta àquela que ele idealizou quando pisou em solo carioca, Amâncio decide escrever uma carta se declarando à Dona Hortênsia, numa tentativa de fuga daqueles pensamentos rotineiros e, quem sabe, uma resposta positiva e recíproca da senhora, ocasionando-lhe a real fuga da rotina a que estava aprisionado. Amélia encontra a carta e a entrega ao irmão, que posteriormente, servirá para seu triunfo momentâneo.

Como Amélia e Amâncio não haviam entrado em acordo em relação à viagem de visita para Dona Ângela, continuamente acabavam discutindo, e em uma dessas discussões, o rapaz, saturado com a insatisfação que lhe regia, acaba destilando seu ódio, denominando a família de “filantes”, já que ele havia percebido o interesse que rondava sobre ele.

Após a discussão, vem em sua mente a hipótese de viajar para o Maranhão sem comunicar Amélia e o restante da família, porém, João Coqueiro já estava preparado para tal atitude do jovem.

Quando Amâncio resolve por em prática a decisão de viajar sozinho, sem que Coqueiro e família soubessem, é abordado pela polícia já no cais, sendo acusado por João Coqueiro de violentar sua irmã, Amélia.

Sr. Campos toma conhecimento do ocorrido com Amâncio e cogita defendê-lo, mas acaba desistindo ao ler a carta escrita por Amâncio à sua esposa.

Coqueiro tratou de angariar falsas testemunhas para o dia do julgamento, mas não foi suficiente para que o juiz se convencesse a manter Amâncio na prisão, absolvendo-o do crime a que foi culpado.

Os colegas e a sociedade, logo perceberam que se tratava de uma armação de João Coqueiro para conseguir a herança de Amâncio, portanto, o jovem que outrora havia sido homenageado por denunciar um mau elemento da sociedade, passa agora a ser chacoteado por todos, se tornando motivo de piadas e risadas, sendo acusado de exploração, além do fato de morar e viver à custa de Amâncio.

Coqueiro se encontra altamente pressionado por Mme. Brizard e humilhado pelo rumo que aquele acontecimento tinha tomado.

Uma grande festa tomou conta do centro do Rio de Janeiro, contemplando desde o largo de São Francisco, à Rua do Ouvidor, em comemoração à absolvição de Amâncio, conduzindo famílias, jovens, crianças e idosos, de diferentes classes sociais. Coqueiro observara tudo, escondido em um botequim.

Aflora-se em João Coqueiro, os mais profundos sentimentos instigados pelo desfecho negativo a que se caminhava aquele feito. Saca a arma da residência e se propõe a assassinar Amâncio.

Chegando ao hotel em que se encontrava o mais recente herói da sociedade carioca, que ainda descansava após a boemia comemorativa, João Coqueiro dispara seguidos tiros em direção ao rapaz.

... Amâncio despertou com um novo gemido, e levou ao peito as mãos que se ensoparam no sangue da ferida. Olhou em torno, à procura de alguém; mas o quarto estava abandonado.

Então, fechou novamente os olhos estremecendo, esticou o corpo e uma palavra doce esvoaçou-lhe nos lábios entreabertos, como um fraco e lamentoso apelo de criança: - Mamãe!...

E morreu. (pág.322)

Rapidamente a imprensa é noticiada, e as manchetes sobre o assassinato vão sendo publicadas. Move-se grande parte da sociedade, englobando conhecidos da vítima e simpatizantes, que realizam inúmeras homenagens a Amâncio.

Dona Ângela desembarca no porto do Rio de Janeiro, vinda do Maranhão, preocupada com a ausência de cartas e de visitas do filho nos últimos tempos. A senhora logo percebe a movimentação pelas ruas, as palavras e frases esbaforidas, projetadas pela população.

Ao seguir para a Corte, Dona Ângela depara-se com os pertences do filho, gravados com o nome e sobrenome do próprio, em armarinhos do centro da cidade.

Já na Rua do Ouvidor, depara-se com o retrato de Amâncio, fixado perto da mesa do necrotério. Dona Ângela “arrancou do peito um formidável grito e caiu de bruços na calçada.” (p.328). Ao ver o corpo do filho, nu e coberto de sangue, ilustrado pelo nome, “em letras garrafais: “Amâncio de Vasconcelos, assassinado por João Coqueiro no Hotel Paris, em tantos de tal.””. (pág. 328).

O contexto histórico em que foi publicada a obra contemplou a segunda metade do século XIX, período esse, que trouxe inúmeras transformações de caráter social e político, modificando a percepção da sociedade perante a realidade que tais modificações e situações trouxeram, onde estavam inseridas, vivenciadas e presenciadas pela população.

Neste período, a forma de governo foi alterada, onde primeiramente era formada pela Monarquia, estando no comando um rei; e na data de 15 de novembro de 1889, o Brasil torna-se uma República, sendo governado por um presidente.

O trabalho escravo, notado comumente nesta época, foi substituído pelo trabalho assalariado, contando com a inserção da Constituição – também efetuada neste período – removendo inúmeras pessoas que sobreviviam em condições de extrema pobreza e péssimas condições de saúde, durante o período escravagista.

Vale destacar que a escravidão não foi erradicada por completo do país (pode-se observá-la até os dias atuais através de formas de exploração do trabalhador análogas a escravidão), porém, o fato de abolir a escravidão foi

um grande passo para a melhora das condições de vida da parcela da população que era obrigada a se sujeitar a esta prática.

Com o avanço industrial, diversos bancos foram inaugurados, indústrias foram instaladas, estradas de ferro foram construídas e a modernidade foi tomando conta das fazendas de café e lavouras brasileiras, denominando o chamado surto industrial do Brasil, variando entre os anos de 1850 e 1860.

O processo industrial no Brasil contemplou províncias como: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com o elevado nível de modernidade aplicado nas produções. Grande parte dos colonos viu nessa modernização a chance de se deslocarem para a cidade, em busca de mais oportunidades e estabilidade financeira, não estando restritos à rotina do campo.

Ocorreram, neste período, as primeiras grandes greves, uma vez que as condições de trabalho dos operários eram de extrema precariedade, sendo a mão de obra infantil e feminina, uma prática muito usual, e as jornadas de trabalho poderiam chegar a 16 horas, num período em que a regulamentação trabalhista e salarial era inexistente, levando-os a se organizarem politicamente, de maneira independente.

Usando como exemplo a cidade do Rio de Janeiro – bastante presente nesta pesquisa – poderia se observar uma sociedade heterogênea, fazendo com que miséria e palacetes, fossem vizinhos (fator muito comum até os dias atuais).

A Rua do Ouvidor, endereço de grande badalação da elite carioca, trazia as últimas novidades em Paris, enquanto a febre amarela dizimava a população carente nos bairros adjacentes ao centro (local onde se encontra a rua em questão).

Os espetáculos e salões de eventos recebiam a mais culta parcela da população, mas o desemprego pairava sobre cidadãos menos favorecidos, acometendo-lhes a viver em cortiços e seguirem para a prostituição e marginalidade.

4- MAPEANDO A CASA DE PENSÃO:



Figura 1: Fachada de uma casa de pensão típica do século XIX

4.1. A contribuição da Cartografia na análise do espaço geográfico.

Encerrando a explanação sobre o prisma literário e entrando no âmbito geográfico, foram utilizados os conceitos da Geografia Cultural, que ressalta o diálogo entre lugar, território e espaço de maneira integrada, enfatizando o poder do olhar imaginário. Ao ler-se uma obra literária, criamos na mente imagens e mapas, através das descrições do autor, cabendo ao lugar, carregar a teoria cartográfica do território e o espaço moldado pela “Geografia imaginativa”, sendo estes, reais ou fictícios. Portanto, temos a produção cultural como formadora do espaço. (MARANDOLA, 2011).

Uma vez que a considerada pelo autor acima “nova Cartografia” traz suas propostas e pensamentos em uma linha cronológica recente (aproximadamente há duas décadas), denomino a presente pesquisa como um desafio a ser superado, sustentando-me na Cartografia temática, que auxiliará através da simbologia, recurso este, indispensável para a realização do objetivo principal do referido trabalho.

Os espaços e lugares traduzem o contexto da Geografia Cultural para os produtos e questões culturais, corrente esta, inserida na Geografia Humana, as quais surgiram no final do século XIX.

A descrição analítica sobre diversos fenômenos culturais, tais como: religião, economia, crenças e tantos outros, viabilizam a percepção de variação ou permanência dos componentes das culturas, de uma localidade para outra, caracterizando a maneira de vivência dos humanos em um determinado espaço.

Para CLAVAL (2011, p. 21) “o lugar da cultura, na geografia, sempre foi importante, mas ele mudou fortemente durante a última geração. Até 1970, o enfoque era sobre as dimensões materiais e técnicas da cultura. Hoje, o enfoque é mais sobre as suas dimensões simbólicas.”.

Seguindo o ideal de JOLY (2009), a Cartografia engloba atividades que vão do levantamento do campo ou da pesquisa bibliográfica até a impressão definitiva e à publicação do mapa elaborado. Neste contexto, a Cartografia é ao mesmo tempo uma ciência, uma arte e uma técnica.

Desse modo a linguagem cartográfica ocorre através da comunicação visual, por meio dos signos, quando BERTIN publica sua obra “Semiologia Gráfica” (tradução da autora) em Paris, 1973. Para JOLY (2009), a semiologia gráfica se dá por meio da psicologia contemporânea associada às teorias da informação.

Na cartografia, utiliza-se racionalmente a linguagem cartográfica, avaliando as vantagens e os limites das variáveis visuais na simbologia, sendo esta, modificada pela introdução vigorosa dos métodos da informática e da automação.

Um mapa tem a missão de representar os objetos que deseja, num plano, contando com componentes e variáveis, como por exemplo, as coordenadas geográficas. No plano cartesiano, o x equivale à longitude, representando as grandezas; o y tem como objetivo, caracterizar a latitude, que por sua vez, denota a superfície; e o z compreende o componente de qualificação, sendo este, qualitativo, quantitativo ou ambos.

Na simbologia cartográfica, o conjunto de sinais e cores que traduz uma mensagem expressa pelo autor, enquadra-se na definição de mapa. A

liberdade do cartógrafo não é ilimitada, a imaginação pode ser ampla, porém, “o mapa não é uma convenção qualquer, é um meio de transmitir uma visão sobre o mundo e convencer o leitor.” (JOLY, 2009).

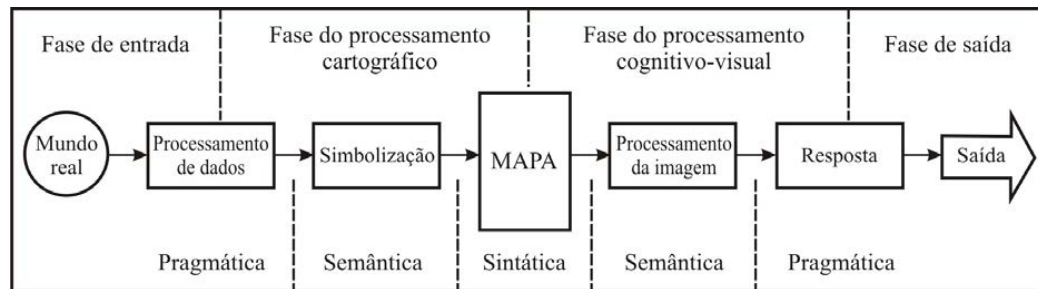


Figura 2: - Sistema de comunicação de mapa temático baseada na semiótica e método de construções de modelo (AKHTAR, 1996 apud FIORI, 2010, p. 539).

Graves erros de interpretação podem ocorrer se o mapa apresentar um mau uso da simbologia, portanto, implica-se na utilização da lógica, para que o mapa seja inteligível; e para que seja claro, utiliza-se a elegância na apresentação do mesmo.

JOLY (2009) nos apresenta em sua obra “A Cartografia”, uma analogia entre o contexto de um mapa e de um texto, de modo que, as letras do texto, correspondem aos símbolos do mapa, e as palavras correspondem às imagens. A junção destes elementos durante a leitura do mapa ou do texto reflete uma harmonia no espírito do leitor.

Para a confecção de um mapa, necessitam-se algumas técnicas cartográficas, compreendidas em uma sequência de tarefas, iniciando-se com um levantamento - seja ele em campo ou não – para que se possa ter o objetivo claro do que é capaz de ser transmitido graficamente. A minuta consiste no resumo das informações obtidas na etapa anterior, classificando-as em relevantes ou irrelevantes para a representação no mapa. E por fim, a última fase encarrega-se em produzir os desenhos e traçados de linha, denominada pranchas de tiragem.

O cartógrafo detém a visão, o fornecimento de dados e o manejo das informações (não se restringindo apenas a estas características), atualmente, deseja-se muito que os humanos sejam substituídos pelas máquinas e computadores na confecção dos mapas, ora, se é do domínio do cartógrafo os fatores essenciais para a produção cartográfica – como citado anteriormente- como substituí-lo completamente por elementos mecânicos?

Relatada a visão científica da cartografia, são trazidos para a discussão, conceitos “renovados” sobre a mesma onde se pode afirmar que as novas abordagens cartográficas têm como objetivo, repensar o produto ideológico da confecção dos mapas, trazendo o fortalecimento interdisciplinar, dessa maneira, os estudos literários e cartográficos “são vistos como eventos ou processos e não como objetos e produtos”. (SEEMANN, 2013).

PADOVESI e OLIVA (2013), afirmam em sua obra “Cartografia”, que os mapas atendem às diferentes necessidades da humanidade de acordo com a construção cultural e histórica da mesma.

Através da afirmativa acima, compreende-se que o mapa possui certa complexidade para ser produzido, levando em consideração seu processo histórico, presenciando diversos formatos de confecção, diversas concepções de autores, diversas representações, diversas intenções do que se deseja representar... Enfim, um mapa pode ser um organismo vivo, mutável, a variar-se de acordo com o seu idealizador.

Talvez uma explicação para o hábito de caracterizar a prevalência da neutralidade desde o momento do levantamento, até a execução do mapa, seja a origem estratégica ou militar do mesmo, fazendo com que essa concepção ainda seja protagonista na ciência cartográfica.

O mapa possui múltiplas funções e efeitos, e sua aplicação eficiente pressupõe a possibilidade da análise crítica, por mais que esteja empregado um alto nível de cientificismo e tecnologia, uma vez que estes, não substituem as explicações clássicas e tradicionais acerca de um determinado assunto. Para PADOVESI e OLIVA (2013), “Estas, ao contrário, frequentemente se aliam muito bem à superestimada racionalidade científica.” (pág. 41).

As construções sociais que compõem os mapas veiculam as visões sobre o mundo, convergindo diferentes ideologias e princípios que a ciência não consegue extinguir.

Brian Harley (2005) critica a postura de alguns pesquisadores referente à insensibilidade perante os elementos expressos no mapa, onde tais pesquisadores, os denotam como verdades absolutas e universais. Para ele, um mapa não possui apenas a missão de representar concretamente uma

realidade geográfica dentro dos limites das técnicas, sendo, a topografia, a habilidade do cartógrafo e o código convencional dos signos.

Por último, mas não menos importante, HARLEY ressalta que “para analisar um mapa histórico é necessário levar em consideração três aspectos do contexto que influenciam o significado dos mapas.” (PADOVESI e OLIVA, 2013 *apud* HARLEY, 2005).

Relata-se, portanto, dois dos três aspectos que HARLEY defende para a compreensão do mapa histórico, julgando-os de maneira a se considerarem mais relevantes para esta pesquisa:

O contexto do cartógrafo (pág.57) é o primeiro deles, onde “O mapa é sempre uma relação social” (PADOVESI e OLIVA, 2013 *apud* HARLEY, 2005), neste caso, o que se sugere é que o pesquisador reproduza o seu trabalho como em qualquer outro documento histórico, o que impede essa ação é a imposição da verdade absoluta, levando a uma interpretação do mapa de maneira enganosa, subestimada, e não como uma representação legítima.

Por conseguinte, HARLEY argumenta sobre o **contexto da sociedade** (pág. 59) onde os indivíduos produtores dos mapas pertencem a um composto social mais extensivo, onde nenhum desses personagens sociais atua isoladamente. O mapa pode projetar relações de poder, cabendo à análise do contexto social desvendá-la.

Porém, esta missão analítica não é tão simples como parece. Um mapa, como mencionado anteriormente, é composto pelas relações sociais de um período e de um lugar próprio, sabendo disso, qual foi o alcance social que um determinado mapa atingiu? Tanto na questão de visibilidade como no fator de cumprimento do seu objetivo perante a sociedade.

Deve-se, portanto, unir aspectos paisagísticos e sociais, abandonando o ideal de neutralidade. A sociedade está inserida nas modificações geográficas naturais e atua ativamente na dinâmica espacial. O lugar influencia na produção de um determinado mapa, gerando levantamentos únicos, inigualáveis.

A naturalização do mapa, que o impede de representar alusões críticas, compromete a evolução da cartografia, fazendo com que essa linguagem se

torne pouco produtiva quando se trata de inovação do conhecimento em um mundo globalizado e em constante transformação, característica esta, presente no recinto acadêmico brasileiro e estrangeiro.

Desse modo, fica implícita a ideia de que o mapa pode ser considerado uma construção gráfica e social, trazendo consigo, diversas visões de mundo e de modalidades. Assim, não se deve pensar que o mapa é apenas uma reconstrução da paisagem, ele é capaz de abranger diversos contextos, os quais são responsáveis pela sua composição, juntamente com os elementos físicos.

Os mapas sempre mostram mais que uma soma inalterada de técnicas. (...) Na verdade, é o coração virtuoso das representações cartográficas. Os mapas não são a sociedade exterior, são partes dela, são elementos constitutivos dentro do mundo em geral. (PADOVESI e OLIVA, 2013, p. 60).

No caso deste estudo, o olhar geográfico está presente sobre a obra Casa de Pensão e também passa pelo mapa. Foram levantados mapas do período em que a obra foi publicada, bem como do seu contexto.

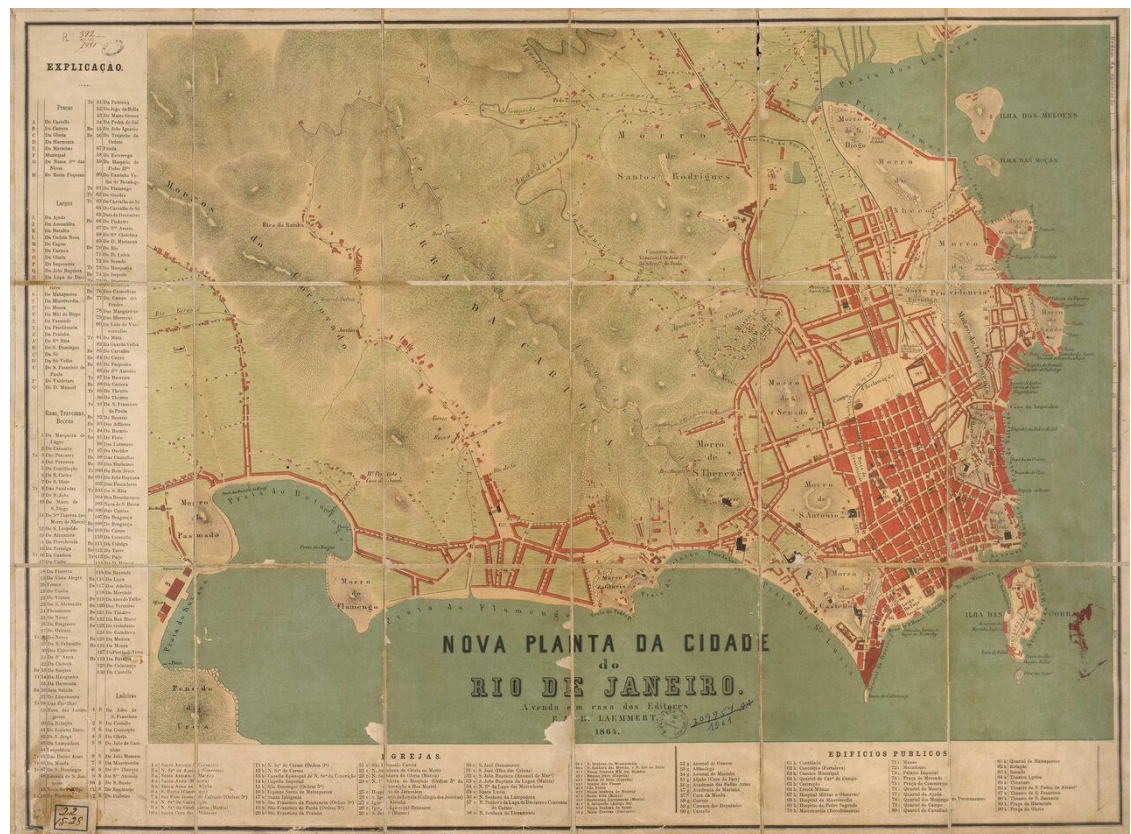


Figura 3: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1864. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.

[illegible]

Figura 5: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1867. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.



Figura 6: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1868. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.

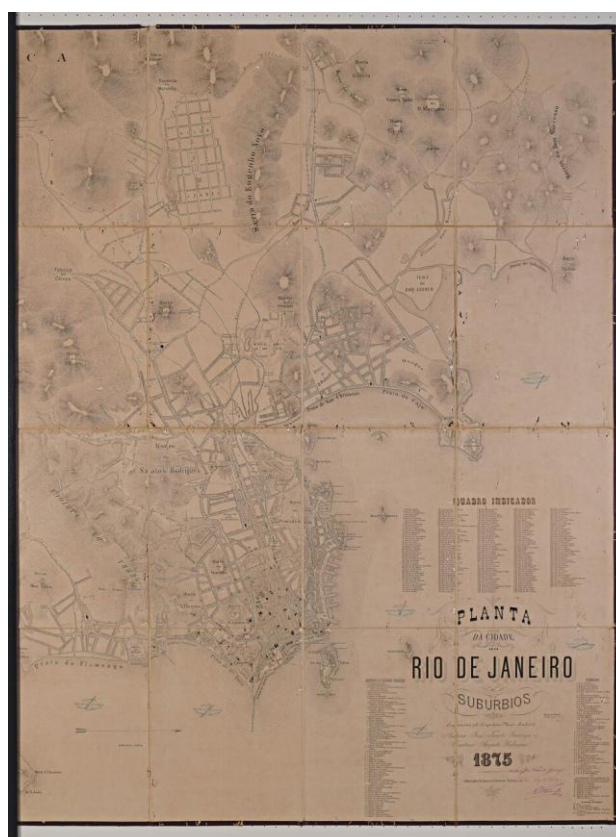


Figura 7: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1875. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.

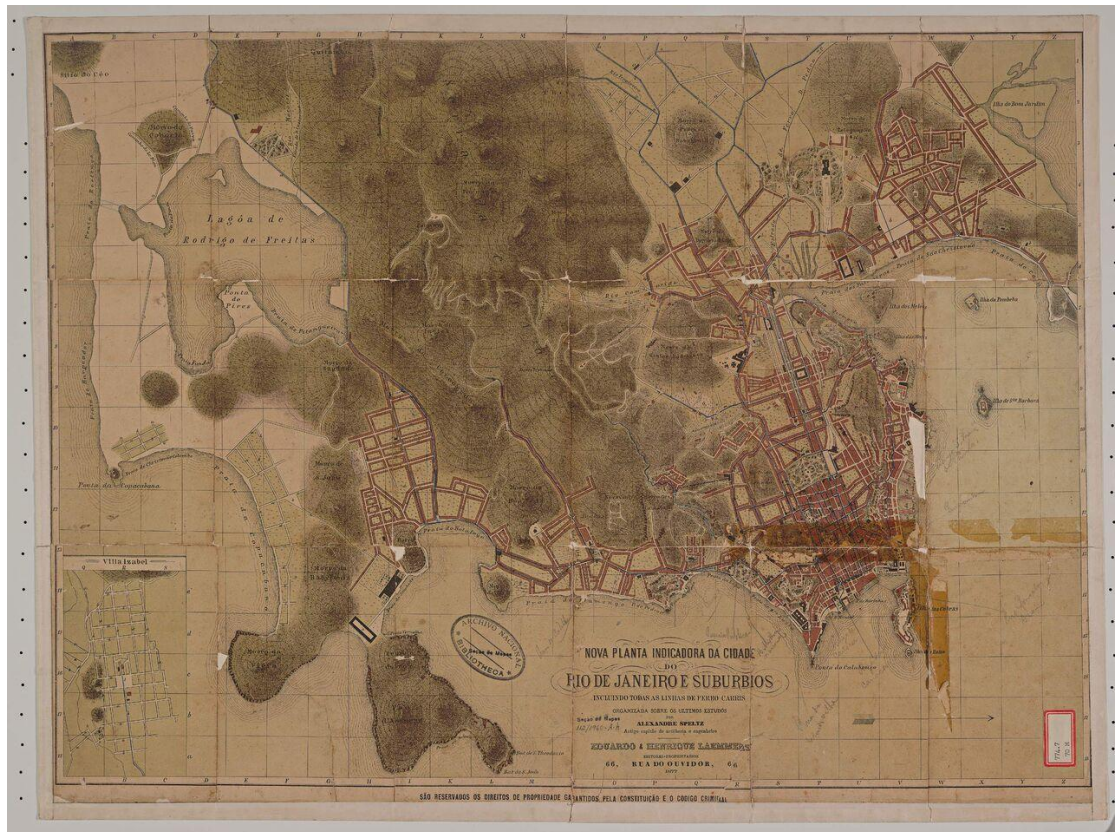


Figura 8: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1877. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.



Figura 9: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1885. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.

Durante o período de recorte para a realização da comparação dos mapas utilizado nesta pesquisa (pouco mais de duas décadas, contemplando os anos de 1864 a 1885), houve poucas mudanças na dinâmica da cidade do Rio de Janeiro. Ela continuava a ser o elemento pulsante do Brasil, agregando grandes movimentações econômicas, luxo e riquezas, mas por outro lado, uma enorme parcela da população vivendo em condições precárias, devido ao elevado nível de desigualdade social.

Já no quesito comparativo entre os mapas expostos neste trabalho, pode-se observar uma gama de modificações, enriquecendo, com o passar dos anos, o nível de detalhamento presente nos mapas.

Ao longo dos anos aqui selecionados, observa-se uma preocupação em colocar elementos naturais no mapa, aproximando-o cada vez mais da realidade, como por exemplo: núcleos de florestas, curvas de nível, identificação de morros, entre outros, não se restringindo apenas aos elementos artificiais, como: ruas, bairros e outros.

Com o aumento demográfico e o êxodo rural, houve a necessidade da expansão urbana na maioria das cidades brasileiras, e no Rio de Janeiro não foi diferente. Desse modo, vale destacar a questão das distâncias tanto nas representações cartográficas, como *in loco*. Os mapas antigos nos remetem a uma ideia de poucos elementos representados, em comparação com os atuais, que abrangem uma quantidade elevada de informações.

No século XIX e nos dias atuais, fica evidente a modernização do espaço urbano, que, se comparados, ilustrarão muito bem a noção de proximidade na época da obra e a modificação desta noção atualmente.

O mapa referente à figura 10, dentre os mapas selecionados, é o que mais se aproxima da data de publicação da obra, elaborado em 1882, podendo ilustrar o que foi discutido no parágrafo anterior, em relação às modificações e modernizações no quesito urbano e nas representações gráficas, juntamente com a imagem de satélite representada em seguida.

Pode-se refletir com o auxílio do mapa da época, sobre as características do Rio de Janeiro no final do século XIX, a capital do império é uma cidade espremida em meio aos inúmeros morros que, posteriormente vão ser ocupados pela população mais pobre dando outra configuração a cidade.

Durante o trabalho de campo, foi possível visitar três pontos da cidade que são citados na obra “Casa de Pensão”, sendo eles: Morro do Curvelo – Santa Teresa; Rua do Resende – Lapa e Rua do Ouvidor – Centro.

Os pontos citados – e visitados – foram demarcados na imagem de satélite (figura 11), situando no leitor no espaço geográfico a que se trata nesse assunto da pesquisa. A mesma imagem ilustra a mudança que a cidade passou ao longo desses pouco mais de 130 anos.



Figura 10: Planta da cidade do Rio de Janeiro – 1882. Fonte: Arquivo Nacional. Versão disponibilizada pelo professor Paulo Menezes, UERJ em setembro de 2017.

Mapeamento da obra "Casa de Pensão"

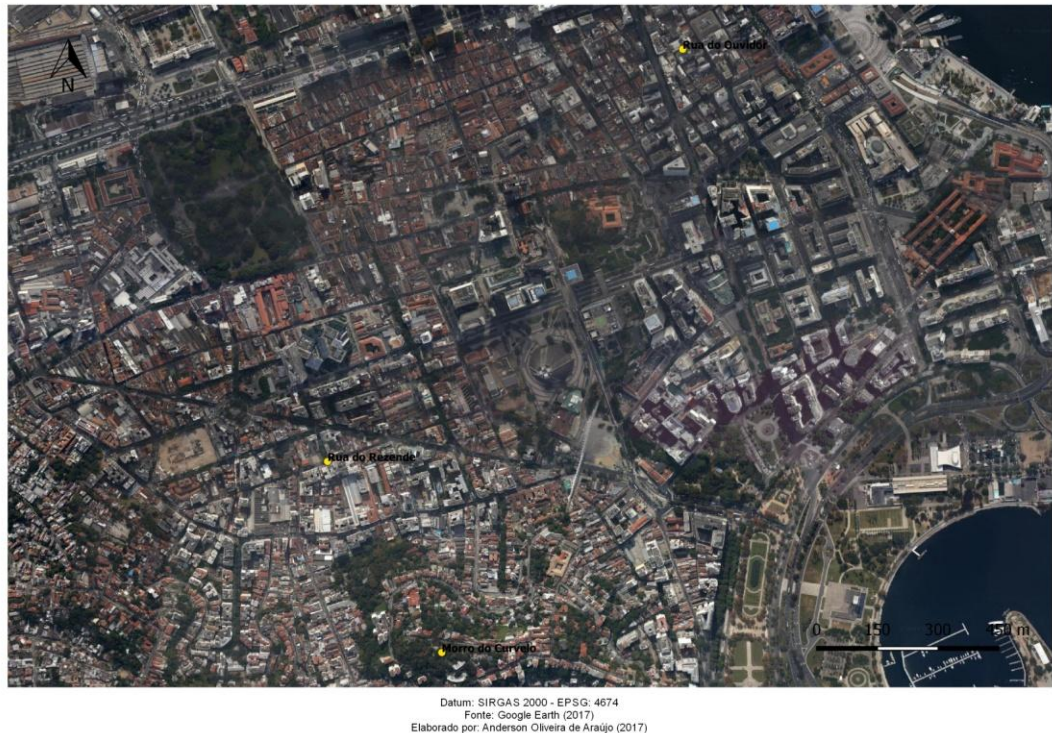


Figura 11: Imagem de satélite do recorte usado no presente trabalho dos bairros da Lapa e Centro do Rio de Janeiro / Elaborado por ARAÚJO, A. 2017.

Os mapas também podem auxiliar na compreensão das permanências e mudanças que ocorreram no Rio de Janeiro da época da obra até os dias atuais.

As fotos a seguir, ilustram as modificações desde o século XIX, até o presente ano, nos locais selecionados para a observação durante o trabalho de campo.

Rua do Ouvidor:

Esta rua é bastante presente na obra de base para este estudo, devido a isso, evidenciou-se a necessidade optá-la para a ilustração e representação deste capítulo. No século XIX, especificamente na década de 1840, a Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro, era o recinto dos boêmios. Nesse local poderia se encontrar várias opções de cafés e saraus, artigos franceses como: tecidos, porcelanas e perfumes regados de muito requinte.

Aluisio de Azevedo deixa evidente na obra que o refúgio de Amâncio é a Rua do Ouvidor, principalmente quando cai na armadilha de João Coqueiro e família. O jovem, que se atrai pela boemia, identifica-se com o local, mas não pode desfrutar como gostaria, de maneira absoluta, uma vez que se encontra

na situação de homem casado, após se sujeitar às exigências de Amélia e do restante de sua família.



Figura 12: Foto do século XIX da Rua do Ouvidor. Fonte: <http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/rua-do-ouvidor-historia.html>.



Figura 13: Rua do Ouvidor em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017

Rua do Resende:

Não foram encontradas imagens do século XIX que fossem de fontes confiáveis desta localidade, portanto, está presente apenas a foto atual. De acordo com a leitura da obra pela autora deste trabalho, imagina-se pela mesma que a Rua do Resende tratava-se de um logradouro residencial, relativamente tranquila, mas com um toque de dinamicidade devido à localização no bairro da Lapa.

A rua aqui tratada foi escolhida como ponto de representação na pesquisa, pois é aonde se situava a casa de pensão da obra. Já que a autora seguiu o imaginário para a descrição da obra, enquanto estava *in loco* a fotografando, pode-se observar antigos casarões, alguns preservados e outros não tanto, causando a indagação de que a casa de pensão, pudesse ser qualquer um daqueles casarões.



Figura 14: Rua do Resende em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017

Bairro de Santa Teresa:

O Morro do Curvelo foi usado como ponto de referência devido à extensão do bairro.

Devido à doença, o médico que cuidara de Amâncio, sugeriu que o mesmo mudasse de ares para uma melhor recuperação, aconselhando-o a se mudar para o bairro de Santa Teresa, que na época, era referência em pureza e na melhora, ou até mesmo cura de enfermos.

Selecionou-se o bairro em questão como ponto a ser ilustrado devido à sua importância, principalmente no desfecho da obra e sempre associado à ideia de que, nesse local, Amâncio se sentia extremamente sufocado e frustrado por ver sua juventude se esgotando e não poder vivenciá-la plenamente.



Figura 15: Foto do século XIX do Morro do Curvelo. Fonte: <https://fatosfotoseregistros.wordpress.com/2016/08/09/santa-teresa/>



Figura 16: Morro do Curvelo - Santa Teresa em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017



Figura 17: Ladeira do Morro do Curvelo - Santa Teresa em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017



Figura 18: Vista do Morro do Curvelo - Santa Teresa em 2017. Foto: TOLEDO, C. 2017

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao vivenciar as experiências trazidas por esta pesquisa, pode-se levar em consideração o poder que o olhar geográfico concede a quem lhe incorpora.

Talvez, um estudante de letras ou até mesmo um literato, façam uma análise diferente em relação aos fatos e as denúncias presentes na obra, por não possuírem o olhar crítico de um geógrafo. O estudo da Geografia tem a possibilidade de abrir portas e novos horizontes, uma delas foi o debruçar sobre uma obra da literatura brasileira com um olhar diferente.

Fica evidente neste trabalho, portanto, o fato da Geografia conseguir abranger inúmeras ramificações e conexões, proporcionando debates e novos ideais a quem nela se apoia.

Estar *in loco* e poder observar a questão das permanências e mudanças que tanto observamos durante a graduação, ilustrou-a de modo objetivo e direto, fazendo com que a autora do presente trabalho, comparasse a representação da obra literária formada em sua mente, com as paisagens que observava.

Algumas denúncias que o autor da obra faz na mesma, ainda persistem, mesmo após mais de um século de publicação. A mulher continua sendo representada como elemento frágil na composição da sociedade, e com isso, gerando abusos e invasões de outros indivíduos em sua particularidade.

Durante a leitura da obra, nota-se claramente o domínio do homem sobre a mulher, ditando-lhe as regras e o modo a se comportar, Aluisio, provavelmente, usou deste artifício para denunciar este hábito, mas a mesma ainda é praticada atualmente. Um exemplo da usualidade da omissão feminina foi o poder de voto, sendo atribuído às mulheres no Brasil, apenas em 1932.

A sociedade ainda é dividida por classes e o espaço é configurado pela presença de todas, onde convivem tão próximas fisicamente, mas com realidades tão convergentes.

Se no Rio de Janeiro do século XIX a elite marcava presença nos locais sofisticados e a população carente ocupava morros e formava bairros miseráveis, atualmente a ótica não mudou. Uma cidade assentada sobre os

desníveis geomorfológicos litorâneos obriga a população a conviver praticamente unida, com uma urbanização conturbada. Claro que não se pode aplicar esse fato apenas à cidade do Rio de Janeiro. De um modo geral, pode-se dizer que o Brasil possui uma considerável disparidade de classes.

Ainda hoje há a disputa pelo sucesso e a gana em sempre conseguir mais e mais reservas financeiras também continua presente nos dias atuais. Talvez essa questão esteja pior do que no período da obra, uma vez que foi incorporada certa “normalidade” a essa prática, contrariamente ao século XIX, que era um ato repreendido e tratado de maneira vergonhosa.

A cidade do Rio de Janeiro não é mais a capital do Brasil, mas ainda abrange o luxo, o poderio econômico – não em valores absolutos –, a dinamicidade de um centro urbano, agora definido como metrópole devido à expansão dos limites urbanos.

No referido trabalho, enalteceu-se a tentativa de “colocar no papel” o resultado do amadurecimento que o curso de Geografia proporcionou aliado a uma paixão pessoal. Desejou-se evidenciar que a Geografia tem o poder de colocar uma lente nos olhos dos que a cursam, lente essa que possibilita o olhar crítico, analítico, que promove correlações e nos instiga a sempre apontar questionamentos, a nós mesmos ou a outros indivíduos.

Foi esse olhar que fez com que a autora cogitasse pesquisar e mergulhasse no tema, a fim de concluir o trabalho sem ter a necessidade de comprovar os levantamentos, mas sim de incentivar outros cidadãos, geógrafos ou não, a se arrisquem e busquem o que desejam.

Por fim, relata-se o quão abrangente a Geografia pode ser, gerando relações inusitadas e interessantes – como o tema desta pesquisa – e sugerindo cada vez mais a necessidade de se diversificar e explorar novos caminhos e estudos.

6. REFERÊNCIAS:

- CAMARGO, Lidia; CORBINI, VADINEA APARECIDA DETONI. O (in) determinado herói naturalista. Anais da 8ª Mostra Acadêmica, 2010.
- CLAVAL, Paul Charles Christophe. Geografia Cultural: um balanço. GEOGRAFIA (Londrina), v. 20, n. 3, p. 005-024, 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.
- DUARTE, Paulo Araújo. *Fundamentos de Cartografia*. Florianópolis/SC:EdUFSC, 1994.
- ENNE, Ana Lucia; THEBALDI DE SOUZA, BRUNO. O “Caso Capistrano” e o romance Casa de Pensão, de Aluísio Azevedo: algumas reflexões sobre ficção literária e ficção jornalística. Galáxia, n. 18, 2009.
- FANINI, Angela Maria Rubel et al. Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas. 2003. (FERNANDES, MARIA DAS GRAÇAS PR. INVENTÁRIO NATURALISTA EM CASA DE PENSÃO) Publicado na REVISTA CES 2002 DARLAN DE OLIVEIRA LULA.
- FIORI, Sérgio Ricardo. Cartografia e as dimensões do lazer e turismo: o potencial dos tipos de representação cartográfica. Revista Brasileira de Cartografia, n. 62/3, 2010.
- FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso. ISSN 2176-4573, n. 1, 2009.
- FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime. Cartografia. Editora Melhoramentos, 2013.
- GOMES, Vinícius Biazotto; DE BARROS, Luis Eduardo. (CARTOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DE METODOLOGIA INTERDISCIPLINAR).
- GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GOMES, Paulo César da Costa. *O lugar do olhar. Elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- GOMES, Mônica dos Santos. Germinal e o Naturalismo no Brasil: Relações entre tradução e formação do sistema literário em país periférico. In-Traduções Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, v. 2, n. 2, p. 154-176, 2012.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em Bom crioulo de Adolfo Caminha. Revista Graphos, v. 7, n. 1, 2005.

JOLY, Fernand; CARTOGRAFIA, A. Campinas. 1990.

KOWALTOWSKI, Doris CCK et al. Aspectos de Conforto Ambiental de Descrições de Espaços Construídos na Literatura Brasileira. In: Anais do VII Encontro Nacional sobre Conforto no Ambiente Construído (ENCAC) e da III Conferência Latino-Americana sobre Conforto e Desempenho Energético de Edificações (COTEDI). 2003. p. 1333-1340.

MARANDOLA Jr., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs.). *Geografia e literatura: ensaios sobre geografia, poética e imaginação*. Londrina: Ed.UEL, 2011.

MEDEIROS, Joselaine Brondani. Os caminhos da leitura em Casa de pensão, de Aluísio Azevedo. Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura, v. 11, n. 1, 2010.

MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Naturalismo, aqui e lá-bas. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, v. 18, n. 1, p. 109-127, 2009.

OLIVEIRA Jr. Wenceslao Machado de. Mapas em deriva. Imaginação e cartografia escolar. Geografares, v.12, p.1-49, 2012.

PEREIRA, Diamantino; SANTOS, Douglas; CARVALHO Marcos B. Geografia – Ciência do Espaço. *Geografia dos lugares* (volume I, 5ª série), São Paulo, 1997.

PORTO, Doutoranda Ana Gomes. Aluísio Azevedo e a imprensa: uma análise de Mistério da Tijuca e Casa de Pensão.

SEEMANN, Jörn. Cartografias culturais na Geografia Cultural: entre mapas da cultura e a cultura dos mapas. *Boletim Goiano de Geografia*, v.21, n.2, p.61-82, 2001.

SILVA, Silvana Aparecida da et al. Racismo e sexualidade nas representações de negras e mestiças no final do século XIX e início do XX. 2008.

SILVA, Felipe Antonio Ferreira da. Uma análise sobre a relevância do espaço como personagem na obra “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo. 1982.

LINK:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/LiteraturaInfantil/conthist.htm>> Acesso em: 11/9/2017.